



ÀS CAROLINAS¹

Paulina Gonçalves²

Camila Alexandrini, Café com Paulo Freire Fora da Asa³

RESUMO: Paulo Freire e Carolina Maria de Jesus se encontram para pensar a educação, a escrita e a fome. Esta carta vai para todas Carolinas, capazes de transformar o mundo por meio da conscientização.

PALAVRAS-CHAVE: Fome. Literatura. Luta.

Porto Alegre, 05 de abril de 2024.

O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. São muitas as dimensões da fome. São muitas suas faces e corpos, sempre pobres, quase sempre lidos como femininos e racializados. Esta carta é inspirada em Carolina de Jesus e Freire. Escrita por duas mulheres, educadoras, uma branca e outra negra, que em comum compartilhamos o amor pelas gentes e pelas palavras no ofício de educar e proteger. Entendemos que a experiência da fome, a sensação de só ter ar no estômago e o profundo desejo de *ser mais* ensejam um diálogo entre o pensamento de Carolina de Jesus e Freire. É certo que, como nos disse Carolina Maria de Jesus, só se sabe bem da fome quando se passa um tanto por ela. Isso não significa que não possamos encarar a fome: a fome de ver, de existir, de comer. As fomes das Carolinas são também de leitura, de proteção e educação para seus filhos, de tempo para respirar, cuidar-se, escrever, criar, fazer arte e ciência. Essas fomes também motivaram o professor Paulo Freire a denunciar as opressões que se instauram sobre a condição humana, materializadas na negação ao acesso às condições da vida material e cultural.

A Bitita, apelido de Carolina menina, registrado em um dos livros, anuncia: *Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.* Sonhava também em ser escritora e mostrar suas palavras ao mundo. A diferença é que Freire, homem, não racializado, conseguiu estudar, e a Carolina não pôde seguir os estudos com grandes contribuições para a educação como educador, por ser mulher negra, na

¹ Este resumo estendido será apresentado no Fórum XXV Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire, que acontecerá em Porto Alegre (RS), nos dias 12 a 15 de setembro/24, no Eixo 18: Paulo Freire: Outros diálogos possíveis. O evento seria em maio, mas adiado devido às enchentes no Rio Grande do Sul.

² UFRGS, Doutoranda em Educação, bolsista CAPES. E-mail: paulinasantgo@gmail.com

³ Fora da Asa, Curadora do Café com Paulo Freire Fora da Asa. Doutora em Letras. E-mail: camilalexandrini@gmail.com



segunda geração pós-abolição, o que não a impediu de deixar uma vasta e profunda obra cujo reconhecimento se deu tardiamente, em 2021, com o título de Doutora Honoris Causa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim são uma doutora e doutor que, atravessados por situações-limite da fome e do analfabetismo, anunciaram com suas obras e vidas, a teimosia, a resistência da vida que flui nos caminhos possíveis, surpreendendo com os inéditos viáveis.

Caras Carolinas, sabemos que não tem sido fácil. Sabemos que a jornada diária de trabalho tem tirado a força de buscar por qualquer alternativa mais digna de vida. Sabemos que a violência doméstica tem assombrado e tira a vida de muitas. Sabemos que os sonhos às vezes estão soterrados atrás dos olhos cansados. Em alguma medida, as denúncias apontam a alguma parte da nossa vida e, portanto, decidimos escrever-lhes para dizer que estamos atentas.

Freire ensinou que, assim como não é possível seguir existindo sem acreditar na mudança, não é possível construir a luta sem a participação das Carolinas. Estamos vendo, assim como reivindicamos a filosofia de Carolina Maria de Jesus, doutora, os saberes por ela agenciados, fazendo a guiança do nosso escrito nesse momento. Estejamos prontas, a hora está por chegar. Há tanto tempo invisibilizadas, agora a voz das Carolinas anuncia um novo momento: a restrição alimentar tem atingido as classes burguesas, os alimentos enlatados têm afetado a saúde das famílias de classe média, a ansiedade tem pulsado no peito de crianças brancas, um mal do século. Será que assim verão, Carolinas?

É, por isso, que a vocês, Carolinas, dedicamos esta carta; temos ouvido atentamente o que as palavras de Carolinas têm insistido em dizer: a destruição da natureza, o abandono da cidadania, a fragilização da democracia, a suspensão dos direitos básicos, como casa, comida e educação. O que temos feito com as mais de 9 mil crianças sem creche só na nossa cidade? Com quem elas têm ficado enquanto saem para garantir o dia? São como a Vera Eunice que aprende a pedir junto com a mãe ou como seus meninos que todo o tempo tem alguém denunciando, reclamando e ela precisa defender, educar e ainda livrá-los da polícia? Parece que é aqui e agora ainda, todos os dias.

É preciso que seja diferente, e isso é urgente. Não era pra rimar, nada aqui parece ser poesia. Só a nossa mestra, Carolina Maria de Jesus, em meio ao Canindé, sabia fazer sambas para espantar a tristeza. A gente tem perdido essa habilidade,



porque nos embruteceram. Mas é certo, inclusive, que nós passamos, num dia que outro, o batom depois do banho porque sabemos da boniteza que somos. Tal resiliência vem da fortaleza que construímos ao redor dos nossos, tal como Carolina batalhando a comida de cada refeição, sem esquecer do sapatinho para sua filha. De contar os amores, os sonhos, aquele romance escondido, que por vezes, atucana seu juízo.

Caras Carolinas, a vida tem dado fortes solavancos no curso das coisas. A recente pandemia parece ter sinalizado para os possíveis tempos que virão. Muito antes disso, Carolinas encontram formas de resistir ao que acomete às populações mais marginalizadas. E as estratégias são muitas, precisam ser registradas. A escrita da De Jesus é prova de que tal estratégia resiste ao tempo e às formas não tão novas de exclusão. Dessa forma, ao sair de casa, continuem sorrindo umas às outras, continuem escrevendo bilhetes denunciando a violência para uma mulher mais próxima, continuem buscando o que lhes renova algum ar. Quando a angústia bate o peito, todas nós sabemos onde é possível encontrar alguma paz. Esse lugar existe, dentro ou fora de nós - guardem bem o caminho até ele, esse mapa é secreto. Carolina o fez pela palavra escrita, cantada, rimada. Paulo Freire pela escuta e registro da sabedoria que está nas lutas cotidianas por liberdade aqui e mundo afora.

Otávio Júnior escreveu um livro infantil muito bonito chamado “Procura-se Carolina”. Nele, uma garotinha se apaixona pelos livros da sua xará, Carolina Maria de Jesus, e começa uma pesquisa sobre sua vida. Em dado momento da história, a caixa de livros some, e a menina, um tanto entristecida, pensa que alguém pode estar fazendo muito bom proveito desses textos tão preciosos. O livro não tem fim, porque o autor publicará a segunda parte. Contudo, é assim que nossos rastros por esse mundo podem ser, deixando pequenos vestígios de uma outra vida possível, encorajando cada uma ao nosso redor a ser cada vez mais Carolina.

Carolina saltava às 4h da manhã para escrever. Cada novo caderno sinalizava uma renovada esperança no fim da fome. O fim da fome. Só quem vive a fome quer que ela acabe de verdade. Ousou registrar nos cadernos descartados. Assim a cada caderno, cada verso, cada conto, cada samba, cada peça de teatro das tantas belezas que brotavam nas noites insones, famintas e solitárias, Carolina, Bitita, afrontava o contrassonho da miséria, da servidão e do analfabetismo. Na resistência e insistência, revelou seu mundo com suas palavras de mulher negra, favelada, mãe solo que ousou



não só de catar papelão, lata, roupa, lenha, comida, mas também sonhar com um mundo diferente, com sapatos para sua filhinha, roupas limpas, comida garantida para seus e todas as crianças. Sossego, amor, flores para sua alma delicada, crítica, sestra e atenta. Paulo nos ensinou a letrar-se e letrar outros como ferramenta de libertação, como forma de emancipação da condição das pessoas em eterno aprender.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo: Uma história de pessoas, de letras e de palavras.** São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz & Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Carolina Maria de Jesus cantando suas composições. Intérprete: Carolina de Jesus. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1961.

_____. **Diário de Bitita.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Janeiro:

_____. **Meu sonho é escrever...** contos inéditos e outros escritos. Organização: Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

_____. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.

JUNIOR, Otávio. **Procura-se Carolina.** Belo Horizonte: Yellowfante, 2022.